



A BRINCADEIRA NARRATIVA COMO EIXO DO TRABALHO DOCENTE: INSPIRAÇÕES A PARTIR DE VIVIAN PALEY

Teaching focused on narrative play: inspirations from Vivian Paley

Gilka Elvira Ponzi **GIRARDELLO**
Programa de Pós-Graduação em Educação,
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis/SC
gilkagirardello@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5316-0038> 

Roberta Consiglio de **SOUZA**
Rede Municipal de Ensino de Santo Amaro
da Imperatriz/SC
roberta.consiglio@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2822-8328> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

O artigo tem como ponto-de-partida o livro *"The boy who would be a helicopter"* (1991), da educadora estadunidense Vivian Gussin Paley, cujo foco é a importância das histórias, da imaginação e da brincadeira de faz-de-conta nas vidas das crianças, especialmente no contexto da educação infantil. O objetivo do trabalho é refletir sobre possíveis contribuições dessa obra para a prática docente em instituições de Educação Infantil, bem como inspirações metodológicas para quem trabalha com crianças de forma mais geral. Uma vez que o livro de Paley, apesar de reconhecido como um clássico pedagógico contemporâneo e muito celebrado em outros contextos, é pouco conhecido no Brasil, o artigo busca aproximá-lo da discussão educacional em nosso país, estabelecendo um diálogo entre suas principais ideias e as de autoras brasileiras que compartilham preocupações similares, como Freire, Kishimoto e Warschauer. Foi realizada uma análise de conteúdo e uma discussão teórica a partir das categorias "observação e registro", e "brincadeira narrativa". Fazem parte do texto traduções para o português de passagens do livro original em inglês, produzidas no contexto da pesquisa de pós-graduação em que o artigo se baseia. Como conclusão, seguindo a inspiração da obra de Vivian Paley, o estudo reforça o quanto a criação autoral de histórias e a brincadeira de faz-de-conta fundamentam aprendizagens significativas, tanto para crianças, quanto para os adultos que convivem com elas ou que estudam a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias; Brincadeira; Crianças; Vivian Gussin Paley.

ABSTRACT

This article discusses the book *The Boy Who Would Be a Helicopter* (1991), by the American author Vivian Gussin Paley, which focuses on the importance of stories, imagination and make-believe play in the lives of children, especially in the context of early childhood education. The main purpose of the article is to suggest contributions to the work of teachers of kindergarten or the early years of elementary school, as well as methodological inspirations for working with children in general. Since Paley's book, although much celebrated in other contexts, is not well known in Brazil, the article seeks to bring it closer to the pedagogical discussion in our country, establishing a dialogue between its main ideas and those of some Brazilian authors who share similar concerns, like Freire, Kishimoto and Warschauer. A content analysis was also carried out, based on two categories: "observation and records" and "narrative play". Portuguese translations of the original work in English are included, which were produced in the context of the graduate research upon which the article is based. As a conclusion, inspired by Vivian Paley's work, the study highlights ways in which the creation of stories and make-believe play can provide meaningful learning for children and for adults who work with them or who study childhood.

KEYWORDS: Stories; Children; Play; Education; Vivian Gussin Paley.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado com base em uma pesquisa acadêmica (SOUZA, 2018), que teve como objetivo principal gerar contribuições para o cotidiano de professoras(es) que trabalham na Educação Infantil e pesquisadoras(es) da infância, a partir da obra da educadora estadunidense Vivian Gussin Paley, reconhecida internacionalmente por sua atenção à infância e à autoria narrativa das crianças. A pesquisa dedicou-se principalmente à análise do livro "O menino que era um helicóptero: os usos do contar histórias na sala de aula" (*The boy who would be a helicopter: the uses of storytelling in the classroom*) (PALEY, 1991), considerado a principal publicação da autora. Vivian Gussin Paley, falecida em julho de 2019, aos 90 anos de idade, foi professora do jardim-de-infância (*kindergarten*) durante trinta e sete anos, sendo a maior parte desse tempo na escola-laboratório da Universidade de Chicago. A partir dessa longa e reconhecida experiência, Paley publicou treze livros, valorizando a riqueza de significados da brincadeira infantil e os modos de compreender o mundo que as crianças desenvolvem e manifestam por meio dela. "Ela era ao mesmo tempo uma professora e uma artista, criativa e lúdica até o fim da vida", diz o estudioso do desenvolvimento infantil John Hornstein, acrescentando que, embora a autora fosse "conhecida por seu uso da narração de histórias, o método desenvolvido por ela vai muito além disso, sendo um modo pelo qual as crianças pequenas integram-se a um mundo social complexo e diverso" (SEELYE, 2019, s/p.).

Apesar de pouco conhecida no Brasil, Vivian Gussin Paley recebeu inúmeros prêmios importantes e é considerada uma referência clássica da Pedagogia contemporânea por um grande número de pesquisadores da infância em diferentes países. Para evidenciar melhor esse reconhecimento, citamos, por exemplo, a discussão que William Corsaro, em seu livro "Sociologia da Infância" (CORSARO, 2011), faz sobre um aspecto da obra da autora, a partir do livro "You can't say you can't play" (PALEY, 1992). Corsaro destaca o trabalho de Paley sobre a observação de culturas de pares na escola e dedica meia página a uma síntese de outro livro da autora (*Boys and girls: superheroes in the doll corner*, de 1984), concluindo assim: "como professora reflexiva que é, aprendeu com as crianças que a integridade da fantasia deve ser preservada" (CORSARO, 2011, p. 94).

Também o psicólogo Jerome Bruner se refere a Paley, elogiando o que chama de "seu surpreendente estudo de crianças do maternal que excluía outras crianças de

suas pequenas turmas” (BRUNER, 2001, p. 80). Na mesma linha, o educador canadense Kieran Egan vê a obra desta autora como exemplo do quanto “a atenção sensível ao pensamento das crianças deixa claro que ele inclui rotineiramente especulações metafísicas e reflexões filosóficas do tipo mais altamente abstrato” (EGAN, 1997, p. 50). E a psicóloga Susan Engel, no livro “*The Stories Children Tell: making sense of the narratives of childhood*” (As histórias que as crianças contam: dando sentido às narrativas da infância) (ENGEL, 2000), cita longos trechos de obras de Paley, referindo-se a ela em diversos momentos, como aqui:

A conversa de fantasia tende a ocorrer principalmente quando as crianças estão sozinhas, ou brincando umas com as outras (...) e na presença de um adulto somente quando o adulto assume o papel de facilitador de histórias, como faz a magistral professora Vivian Paley (ENGEL, 2000, p. 108).

Considerando o reconhecimento internacional do trabalho desta autora, e as raras citações que encontramos sobre ela nos trabalhos e discussões que circulam em nosso país, acreditamos que este artigo e a pesquisa na qual ele se baseia podem contribuir para levar ao conhecimento de professores que atuam com crianças de pouca idade alguns dos ricos conhecimentos compartilhados por Vivian Gussin Paley.

O objetivo da pesquisa foi o de contribuir com a prática pedagógica na educação infantil brasileira, difundindo as ideias da autora Vivian Paley em língua portuguesa, uma vez que sua obra ainda não foi traduzida e publicada no Brasil. Para a análise do material, foram seguidos os procedimentos metodológicos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), buscando manter uma atitude de “vigilância crítica”, ao longo de três leituras integrais do livro em estudo: uma primeira leitura exploratória, uma segunda identificando quais temas seriam destacados como categorias de análise, e uma terceira destacando cada trecho do livro que se relacionava com as categorias de análise: “observação e registro”, e “brincadeira narrativa”.

O livro de Paley sobre o qual a pesquisa se debruçou foge ao estilo acadêmico convencional, podendo ser lido como uma narrativa literária, em um texto que não cita autores, embora traga em si valiosas reflexões teóricas. Também não é um livro de ficção, e sim um relato profundo, reflexivo e pessoal de experiências vividas pela professora Paley em seu cotidiano com as crianças, no qual costumava gravar, em fita cassete, noventa minutos diários de sua rotina com as crianças.

Mais tarde, sem as crianças, Paley transcrevia tudo que a havia interessado a cada momento, estudando seu dia-a-dia com atenção, em uma atitude rigorosa de

pesquisa. Ela relatava: "gravo as discussões [com as crianças] para ouvi-las depois [...]. Ouvir de novo as vozes das crianças costuma me ajudar a esclarecer um problema. Não consigo ouvir tudo na primeira vez"¹ (PALEY, 1992, p.18). Ao registrar a fala das crianças, Paley demonstra que as brincadeiras e as histórias estão entrelaçadas umas às outras no cotidiano da educação infantil, compreendendo que neste contexto a lógica do pensamento e das ações da criança está fortemente vinculada às relações de amizade e às fantasias compartilhadas nas brincadeiras.

No dia-a-dia com as crianças, Paley foi desenvolvendo toda uma metodologia de brincar com histórias, envolvendo criação autoral e encenação por parte das crianças. Esta brincadeira tornou-se o eixo de seu trabalho pedagógico. Sabendo que todos os dias haveria histórias, as crianças criavam expectativas, tanto quanto a inventar suas narrativas, quanto em relação ao momento de encená-las. Tal processo de brincadeira com histórias é assim descrito sinteticamente pela pesquisadora da Universidade de Nova York, Patricia M. Cooper:

O "currículo narrativo" de Paley consiste em duas atividades interdependentes. Na primeira, uma criança dita sua história para a professora. Na segunda, a história é dramatizada pela turma. A natureza holística do currículo narrativo se evidencia na aprendizagem que ele promove em quase todas as áreas do desenvolvimento, desde o uso da linguagem para expressar e dar forma às intenções, até o fazer amigos (COOPER, 2005, p. 229).

O livro "O menino que era um helicóptero" (PALEY, 1991) descreve com detalhes a metodologia desenvolvida por Paley, e revela seu grande potencial de inspiração pedagógica. Ele nos faz pensar sobre as fantasias que animam as brincadeiras das crianças, desvelando a forma tão particular com que elas percebem e interpretam as situações à sua volta.

No livro, Paley demonstra que criando histórias e encenando enredos as crianças compartilham um mesmo lugar imaginário, e com isso se fortalecem os laços de sentido e amizade entre elas (GIRARDELLO, 2014). O ambiente físico da turma ganha novos significados e torna-se um lugar denso, repleto de simbologias e sentimentos vivenciados pelo grupo.

2. DIALOGANDO COM AS PROPOSTAS DE VIVIAN PALEY

¹ A tradução é das autoras, assim como as demais traduções de textos que constam em inglês nas referências.

A pesquisa sintetizada neste artigo se endereça mais diretamente ao contexto da Educação Infantil, mas consideramos que o trabalho da autora pode ser fonte de inspiração também para professores que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Partindo do objetivo geral apresentado anteriormente, estabelecemos três objetivos específicos: 1) apresentar os principais aspectos do livro estudado, incluindo uma introdução à trajetória da autora; 2) contribuir para uma compreensão mais contextualizada da obra de Vivian Paley no Brasil, procurando identificar os horizontes teórico-metodológicos em que ela se baseia.; 3) comentar os principais aspectos do livro, em diálogo com autores de referência na educação brasileira.

A partir de uma pré-análise (BARDIN, 2011) do livro, formulamos as categorias a serem estudadas: "observação e registro" e "brincadeira narrativa". A seguir, procuramos estabelecer um diálogo entre Vivian Gussin Paley e algumas autoras brasileiras do campo da Educação, criando assim uma rede de pertinências que pudesse mediar e favorecer a leitura da obra de Paley no contexto brasileiro.

No caso da primeira categoria, "observação e registro", relacionamos o trabalho de Paley com o de duas autoras brasileiras, Madalena Freire e Cecília Warschauer. Elas defendem que um modo muito específico de olhar seja desenvolvido por professores e pesquisadores da infância. Esse olhar se coloca como curioso e sensível, é um olhar atento à indicação de Madalena Freire de que "observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminada por ela" (FREIRE, 1996, p.14).

Perceber o que acontece com cada criança individualmente dentro de um grupo pode parecer uma tarefa impraticável, e este foi um dos questionamentos colocados por uma das auxiliares da professora Paley, que disse a ela: "mas isso é impossível! Eu vou ter que analisar desta forma vinte e quatro crianças, ou mais, quando tiver a minha própria turma? Não vou ter tempo para mais nada!" (PALEY, 1991, p. 125). Em resposta, Vivian Paley esclareceu que as crianças também se observam umas às outras, enquanto brincam, conversam, e atuam nas histórias, e assim elas auxiliam a professora em sua tarefa de perceber os detalhes do que acontece na sala (PALEY, 1991).

Quando inexiste uma aproximação verdadeira entre adultos e crianças nos espaços institucionais, os vínculos afetivos podem reduzir-se a relações de autoridade, desprovidas de reciprocidade e troca. Já o adulto que se enxerga como parte do grupo interage com as crianças, ensinando aquilo que sabe e ouvindo o que as crianças têm a dizer, para aprender também com elas. Mas não se trata de um processo fácil, e uma

das belezas da obra de Paley é sua auto-observação crítica sobre o quanto não sabia e precisou aprender com as crianças. Ela conta, por exemplo, que em seus primeiros anos de docência “era uma estrangeira dentro da sala de aula, distanciada do pensamento das crianças” (PALEY, 1991, p. 15).

A autora comenta que, a partir do momento em que suas percepções sobre os acontecimentos na sala se deslocaram para a percepção das próprias crianças sobre os fatos, ela começou a compreender melhor o seu papel. Para as crianças, a brincadeira e as fantasias se entrelaçam à realidade, e quando Paley percebeu a riqueza de significados aí envolvida, passou a formular novas estratégias de observação, reflexão e questionamento. Para que suas observações se tornassem fonte de conhecimentos, foi fundamental a prática do registro. Como ela diz: “se não escrevo, não consigo perceber os significados daquilo. Conversar não basta” (PALEY, 1991, p. 49).

Um exemplo do poder iluminador dos registros de observação da autora é o próprio caso que dá origem ao livro que foi objeto da pesquisa: a história de Jason, o menino que dizia ser um helicóptero. Vivian Paley conta que Jason não conseguia interagir com o grupo, não aceitava participar das histórias e brincadeiras propostas pelas crianças. Quando era convidado a participar de alguma atividade, ele sempre se recusava, dizendo: “minhas hélices estão quebradas, preciso consertar.” O menino costumava invadir os momentos em que as outras crianças encenavam suas histórias e atrapalhava toda a cena, “voando” sobre o palco imaginário, imitando ruídos de helicóptero: *brruumm!!*

Jason demonstrava ter um comportamento diferente do das outras crianças aos olhos das professoras; no entanto, de acordo com as descrições de Paley, as crianças pareciam não estranhar a conduta do colega: “elas acham suas excentricidades compreensíveis e nem um pouco estranhas” (PALEY, 1991, p. 62). A brincadeira com as histórias foi a base do processo de aproximação entre Jason e o grupo. Quando ele atrapalhava o momento das histórias com seus movimentos estabados e o barulho do helicóptero, a professora Paley, ao invés de impor sua autoridade, forçando-o a parar com aquilo, perguntava às crianças se “havia algum helicóptero” nas histórias que estavam contando e encenando.

Quando as crianças respondiam que não, ela convidava Jason a sair da cena, e perguntava à criança que narrava a história se por acaso não gostaria de acrescentar a ela mais um personagem: o helicóptero. Assim foi no dia em que Jason decidiu pela primeira vez participar da história de um colega, o menino Simon, que estava tentando

contar um caso sobre esquilos, em meio ao barulho das hélices de Jason. A professora perguntou:

- "Simon, tem um helicóptero na sua história? Os esquilos estão vendo um helicóptero?" (...)
- "Não... Ah, sim, eles tão vendo. Escutam ele voando. Daí ele pousa nesta marca. Bem aqui." Jason começa a descer e para no local designado.
- "Brur-rumpt! Desliguei o motor", diz Jason (PALEY, 1991, p. 37).

A partir das histórias, Jason foi se inserindo cautelosamente nas interações da turma, observando as crianças em suas fantasias, e compartilhando seus mundos imaginários. Paley acredita que "quando uma transformação se inicia, ela acontece rapidamente: as crianças avançam e se desenvolvem de acordo com um plano misterioso que ninguém pode antecipar" (PALEY, 1991, p. 142).

Também Madalena Freire acredita que "educador algum é sujeito de sua prática se não tem apropriados a sua reflexão, o seu pensamento. Não existe ação reflexiva que não leve sempre a constatações, descobertas, reparos, aprofundamento" (FREIRE, 1996, p. 39). Assim, percebemos que a atitude do registro detalhado fomenta a reflexão do professor.

Sabemos que o trabalho de registrar diariamente as vivências na educação infantil exige do professor uma dedicação que frequentemente ultrapassa as horas remuneradas. É "uma luta contra os limites de tempo, para poder sentar ao final de cada dia e refletir sobre o trabalho. Uma luta `contra a mornidão, contra o sono', numa construção paciente" (WARSCHAUER, 1993, p. 61). Mas a garantia desse tempo qualificado é reivindicação importante da pauta profissional, pois o hábito de registrar os acontecimentos mais significativos de cada dia traz uma nova dimensão para a prática docente, ampliando a compreensão sobre as aprendizagens das crianças, sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos e as percepções do próprio trabalho docente.

No livro do "menino helicóptero", Vivian Paley se utiliza de muitos verbos para designar uma atitude de observação: ouvir, enxergar, assistir, escutar, observar, averiguar, descobrir, estudar, perceber, entender, ver, olhar, descobrir e sintonizar. Em todo o livro, o verbo que mais se repete nesse contexto é "ouvir" (*to listen*), e o segundo da lista é "ver" ou "enxergar" (*to see*). Com base nesta constatação, poderíamos dizer que para a autora a melhor forma de perceber o que acontece com as crianças é ouvindo o que elas dizem, o que seria até mais importante do que olhar. "A cultura de

determinada sala de aula só pode ser descoberta ouvindo a criança” (PALEY, 1991, p. 44).

A segunda categoria principal que identificamos em nossa análise da obra é a "brincadeira narrativa", da qual falaremos a seguir. A rotina da professora Paley prezava pelo imaginário infantil, e todos os dias havia o momento de contar e encenar as histórias criadas pelas crianças. No contexto da Educação Infantil, a brincadeira com histórias pode auxiliar a desenvolver a oralidade, estimular a expressão corporal, o imaginário, e a união do grupo. Conta Paley que através das histórias, narradas e encenadas, as crianças expressavam sentimentos, preocupações, dúvidas, curiosidades, afinidades. "Muitas vezes, é mais fácil aproximar-se de um personagem da fantasia do que de uma realidade sem disfarce, confusa e centrada no adulto" (PALEY, 1991, p. 39). Por meio das narrativas, elas transformavam em palavras as fantasias que habitavam sua imaginação.

Paley nutria o imaginário das crianças por meio de histórias "inventadas", mas também valorizava a prática da leitura. Ela relata que todos os dias as professoras (ela e suas duas auxiliares) liam pelo menos dois livros em voz alta para as crianças. A criança que ouve muitas histórias amplia seu repertório de fantasias, que se desdobram em brincadeiras e diálogos:

A brincadeira, as histórias e a conversa alimentam-se mutuamente e se traduzem em pensamentos e eficácia social cada vez mais lógicos. Está tudo ali - esta energia intelectual e emocional original - um jardim esperando para explodir em flores (PALEY, 1991, p. 21).

Para Paley, o pensamento da criança se organiza e se comunica através de narrativas, e a prática de ouvir e contar histórias ajuda a criança a organizar o próprio pensamento. Ela considera que "surpreendentemente as crianças já nascem sabendo como colocar cada pensamento e cada sentimento em forma de histórias" (PALEY, 1991, p. 04). Aqui a rigor poderíamos discordar da autora, por saber, a partir da psicologia, que a linguagem e a capacidade de narrar não são naturais, e sim adquiridas no convívio social. No entanto, sugerimos que a frase de Paley deva ser compreendida em seu sentido figurado, metafórico, na intenção de enfatizar a facilidade das crianças em inventar histórias, que manifestam simbolicamente a sua subjetividade.

Para uma melhor organização da brincadeira narrativa, Paley criou uma lista de histórias, que ficava anexada a uma mesa redonda, chamada pelas crianças de "mesa das histórias". Em seu livro, ela descreve que sobre essa mesa havia diversos materiais, como gizes de cera, canetinhas, papéis, tesouras e colas, e assim, enquanto uma

criança estava narrando sua história, e a professora a registrava no papel, as outras crianças podiam fazer atividades manuais enquanto ouviam as narrativas. A descrição desta mesa é exemplo de uma rotina em que convivem liberdade e autonomia, onde não é preciso que todos realizem a mesma atividade ao mesmo tempo, e onde existe espaço para escolha e criação.

A brincadeira com histórias tinha uma regra para que todos pudessem participar e para que cada narrativa não ficasse muito longa: o registro da história no papel não poderia ultrapassar o tamanho de uma folha de caderno. Depois que as narrativas eram registradas, vinha o momento da encenação, em que as crianças representavam as situações e os personagens de suas histórias.

Ao escolher a brincadeira narrativa como eixo do trabalho docente, Paley desenvolveu uma maneira de atrair as crianças para a rotina da pré-escola, utilizando o que elas mais gostavam e sabiam fazer muito bem: contar histórias e brincar de fazer-de-conta. Neste mesmo sentido é que Tizuko Kishimoto, outra autora brasileira cuja obra estamos colocando em diálogo com a de Paley, nos chama a atenção para a importância de incentivar as crianças a criarem suas próprias histórias:

ao ouvir e recontar histórias, a criança experimenta o prazer de falar sobre o que viu na TV, o que conversou com o amigo ou com os pais, incluindo suas experiências e outras histórias que conhece. (...) As crianças gostam de ouvir histórias e também de fazer comentários. Não gostam de ficar apenas ouvindo, caladas. Querem participar da história. Vão se tornando leitoras, ouvindo, vendo, falando, gesticulando, lendo, desenhando sua história, construindo novas histórias (KISHIMOTO, 2010, p. 07).

Sabemos que "(...) as vivências imaginativas da infância têm um papel crucial no desenvolvimento psíquico, o que nos impõe responsabilidades como adultos", e acreditamos que seja "possível atuar favoravelmente sobre a imaginação infantil, criando condições e estímulo para que as crianças disponham desse tempo ou lugar – metáforas para a imaginação – onde possam ensaiar e viver plenamente o imaginável" (GIRARDELLO, 2006, p. 59). E concordamos com Paley em que "a brincadeira de fantasia forma um currículo com grande potencial para enriquecer a oralidade e as experiências sociais, unidas à estrutura das histórias" (PALEY, 2009, p. 128).

Ao contar suas histórias, a criança desenvolve um diálogo com os outros colegas, que ao escutarem uma narrativa imaginam junto com o narrador os cenários e eventos relatados, e inclusive sugerem novos personagens ou situações. "As histórias não são assuntos privados; a imaginação individual acolhe todos os estímulos do ambiente, e faz reverberar ideias em torno dos ouvintes. (...) Na contação de história, assim como

na brincadeira, as interações sociais que chamamos de interrupções geralmente melhoram a narrativa” (PALEY, 1991, p. 21-23).

Vivian Gussin Paley foi grande defensora do tempo que as crianças necessitam para brincar. Em entrevista ao *American Journal of Play* (PALEY, 2009) a autora falava sobre a importância do tempo para a brincadeira livre, lamentando que hoje muitas vezes esse tempo venha cedendo espaço a outras atividades, que visam prioritariamente a preparar as crianças para as aprendizagens dos conteúdos escolares.

As crianças da educação infantil têm sido arbitrariamente reclassificadas como se fossem pseudo-alunos do primeiro ano fundamental, e nas pré-escolas existe uma pressão para preparar as crianças de acordo com determinados padrões. Não importa como olhemos para isso, as crianças pequenas estão sendo privadas de pelo menos dois anos de brincadeiras imaginativas espontâneas. (...) Os adultos impõem a elas fonética, matemática, leitura, escrita e outras tarefas, dando-lhes uma posição central na vida da criança, e deixam de lado a brincadeira como se esta fosse relativamente sem importância (PALEY, 2009, p. 122-123).

Os professores que valorizam o fluir da imaginação e a brincadeira livre no cotidiano da educação infantil podem até ser criticados quando essa postura pedagógica é confundida com falta de planejamento. Neste sentido, percebemos o quanto é importante que os tempos e espaços destinados à brincadeira e à imaginação estejam sempre acompanhados de registros e fundamentados por critérios teoricamente consistentes, tendo claro que “brincar é, na verdade, uma atividade complexa, que requer a prática do diálogo, da exposição, a criação de imagens mentais detalhadas, engenharia social, alusões literárias e pensamento abstrato (PALEY, 2009, p. 123)

Ao estudar o livro do "menino helicóptero", de Paley, percebemos que:

Qualquer aproximação à linguagem e ao pensamento que elimine a brincadeira cênica, e seus temas subjacentes de amizade, segurança perdida e encontrada, estará ignorando o maior de todos os incentivos ao processo criativo” (PALEY, 1991, p. 06). (...) há muito para se aprender sobre a brincadeira quando você não a toma como algo tão simples (PALEY, 1991, p. 64).

A obra de Vivian Paley acrescenta rica sustentação à necessidade de valorizarmos mais as brincadeiras que ampliam e diversificam a imaginação, a oralidade, a fantasia e os movimentos do corpo, não se limitando aos brinquedos industrializados e eletrônicos que o mercado oferece. A história do menino Jason também nos ajuda a refletir sobre as avaliações que são realizadas em relação ao desenvolvimento de cada criança, principalmente na Educação Infantil. Muitas vezes, na avaliação, as múltiplas dimensões e capacidades humanas ficam restritas às descrições objetivas, ou ao preenchimento de tabelas sobre motricidade, oralidade, expressão corporal, etc.,

comparando as crianças entre si a partir de um suposto padrão de normalidade. Na contramão a essa tendência, Vivian Paley nos ajuda a compreender que rótulos aplicados às crianças, como “falta de habilidade” ou “dificuldades de aprendizagem” não servem para descrever a imaginação (PALEY, 1991).

3. INFLUÊNCIAS TEÓRICAS NA OBRA DA AUTORA

Ainda que os livros de Vivian Paley, por seu estilo literário narrativo e coloquial, não costumem trazer referências bibliográficas explícitas, fica evidente o quanto sua obra é solidamente embasada. A fim de contribuir para uma melhor compreensão de seu trabalho, fomos em busca de identificar algumas das inspirações teóricas que estão subjacentes a ele. Na entrevista ao *American Journal of Play* (2009), por exemplo, Paley cita Sócrates e John Dewey como referências importantes em sua formação:

Eu tinha sido universitária durante a década de quarenta, e entre Sócrates e Dewey, comecei a pensar sobre os propósitos da Educação. Eu era muito jovem e inexperiente, e isso aconteceu muitos anos antes que eu pudesse me conectar a algumas das questões levantadas pelos grandes pensadores (PALEY, 2009, p. 136).

Anthony G. Rud Jr. (1997) afirma que o trabalho de Paley com as crianças se aproxima do modelo pedagógico socrático, no qual o filósofo grego questionava seus discípulos com o intuito de chegar o mais próximo possível da verdade, mesmo acreditando que esta jamais poderia ser alcançada. É bem conhecida a compreensão de Sócrates de que, enquanto filósofo, era um “parteiro das ideias”, que buscava através de diálogos conduzir os indivíduos ao autoconhecimento, ao cumprimento da máxima antiga “conhece-te a ti mesmo”, tão recorrente em diversos dos diálogos socráticos.

A valorização do autoconhecimento parece ter tocado profundamente a professora Paley. Segundo Rud Jr., ela foi além do questionamento socrático em seu trabalho junto às crianças, exercendo um questionamento reflexivo sobre si própria, através de uma ferramenta específica: o gravador de áudio. Ao ouvir e transcrever diariamente noventa minutos de seus diálogos com (e entre) as crianças, ela revisitava cada acontecimento, percebendo nele novos sentidos.

Um exemplo da sensibilidade autocrítica da autora faz parte do artigo *On listening to what the children say* (PALEY, 1986), no qual ela conta que, no início de sua carreira,

um professor de ciências do ensino médio, de nome Bill, passou a frequentar suas aulas uma vez por semana, para entender os modos como as crianças pequenas aprendiam. Tendo a oportunidade de interagir com os pequenos, ele trazia para as aulas cartões com imagens e incentivava as crianças a comentarem o que viam. Desta forma, o grupo levantava argumentos sobre uma ampla gama de conteúdos, e Bill demonstrava curiosidade e interesse pelo que diziam, agindo como mediador dos diálogos entre o grupo, no que descrevia como sendo "o velho método socrático".

Naquela época, Paley iniciava sua carreira como professora, portanto sentia-se insegura e não sabia muito bem como lidar com crianças. Ao contar que tentou copiar o estilo do professor Bill, Paley desabafa: "não foi fácil. Eu me sentia sempre esperando pela resposta certa – certa para mim. As crianças sabiam que eu esperava aquilo e me olhavam, tentando encontrar pistas" (PALEY, 1986, p. 123). Essa dimensão autocrítica, presente ao longo de todo o livro, é uma de suas inspirações mais potentes.

Já em relação às marcas do pensamento de John Dewey na atuação de Paley, podemos citar a defesa da democracia, do respeito, da amabilidade e da sabedoria nas relações humanas, a vontade de compreender o pensamento dos estudantes, o senso de justiça, enfim, todos esses aspectos da relação educativa na visão de Dewey, que estão muito presentes nas descrições da autora sobre seu dia-a-dia com as crianças. Dewey considerava que a experiência do dia-a-dia poderia servir de "matéria-prima" para a elaboração de novos conhecimentos, e que as aprendizagens das crianças precisavam se basear em situações mais concretas do que em concepções abstratas, valorizando atividades em que houvesse manipulação de objetos, observação da natureza - em suma, onde houvesse relação entre os conteúdos escolares e as experiências da vida cotidiana. Nas palavras do autor: "Considero que a ideia fundamental da filosofia da educação mais nova e que lhe dá unidade é a de haver relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação" (DEWEY, 1971, p. 08).

A construção de conhecimentos que partem da realidade experimentada é visível na escrita de Paley, onde a experiência através das histórias e da brincadeira tornou-se objeto de investigação e fonte de conhecimentos para a professora, ao mesmo tempo que fundamentava a aprendizagem das crianças. A opção de Paley por tomar a brincadeira com as histórias como eixo curricular, tornando-a presente no dia-a-dia das crianças, parece ter relação com outro conceito bastante explorado por Dewey: a continuidade. Ele ressaltava o quanto toda aprendizagem acontece de maneira gradual, avançando aos poucos através da repetição de uma mesma atividade.

Paley defende o valor único e imprescindível da experiência que a criança tem ao brincar, e por isso ela argumenta que dentro das instituições é preciso garantir que as crianças tenham o maior tempo possível para as brincadeiras, principalmente aquelas que elas próprias organizam entre si, envolvendo papéis e situações imaginárias. Desta forma, a defesa enfática de Paley à liberdade do brincar condiz com a afirmação de Dewey de que “silêncio, imobilidade e obediência forçados impedem o aluno de revelar sua real natureza” (DEWEY, 1971, p. 60). No livro do menino helicóptero percebemos que Paley buscava deixar que as crianças brincassem da forma mais livre possível, e isto não significa que não houvesse um planejamento; pelo contrário, o cotidiano era sistematicamente planejado, registrado, refletido e analisado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No horizonte mais amplo em que este artigo se situa, está a busca de valorizar a ludicidade e a narrativa no cotidiano educativo, tanto em contextos de Educação Infantil, como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Reforçamos também a importância de um olhar sensível e curioso para as culturas da infância, associado a uma valorização dos registros elaborados pelos professores, como meio de reflexão, imaginação pedagógica, planejamento e construção de conhecimento. Identificando nessa direção o potencial inspirador do trabalho de Vivian Gussin Paley, reconhecido internacionalmente, procuramos neste artigo contribuir para torná-lo mais conhecido em nosso país, a partir de um diálogo que estabelecemos entre sua obra e as ideias e práticas de algumas autoras que são referência no debate educacional brasileiro. Assim como um grande número de colegas que atuam no campo, apostamos no poder da fantasia, das histórias e da brincadeira de faz-de-conta para trazer mais sentido e vitalidade ao cotidiano da educação das crianças. Em cumplicidade, esperamos assim estar contribuindo para enriquecer o debate no campo dos Estudos da Infância entre nós. E para o florescer de mais e mais histórias contadas pelas crianças, como oportunidades para que elas conheçam melhor a si mesmas, aos outros e ao mundo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUNER, Jerome. **A Cultura da Educação**. Tradução de Marcos Domingues. Porto Alegre, Artmed, 2001.

COOPER, Patricia M. Literacy learning and pedagogical purpose in Vivian Paley's 'storytelling curriculum'. **Journal Of Early Childhood Literacy**, [s.l.], v. 5, n. 3, p.229-251, dez. 2005. SAGE Publications.
<http://dx.doi.org/10.1177/1468798405058686>. Acesso em: 15 ago. de 2017

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

EGAN, Kieran. **The Educated Mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.

ENGEL, Susan. **The stories children tell**: making sense of the narratives of childhood. New York: W.H. Freeman, 2000.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo**: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Madalena. **Observação, Registro, Reflexão**. Série Seminários: Instrumentos Metodológicos I. PND Produções Gráficas Ltda. 1996.

GIRARDELLO, Gilka. A imaginação infantil e a educação dos sentidos. In: LENZI, Lúcia Helena Correa; DA ROS, Sílvia Z.; SOUZA, Ana Maria A.; GONÇAVES, Marise M. (orgs.): **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas: Papirus, 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. In: I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais, Belo Horizonte. Anais 2010.

PALEY, Vivian Gussin. The importance of fantasy, fairness and friendship in children's play. **American Journal of Play**. 2009. p. 121-138. Disponível em: <<http://www.journalofplay.org/issues/2/2/interview/importance-fantasy-fairness-and-friendship-children's-play-interview-vivian>>. Acesso em: 06 out. de 2016.

PALEY, Vivian Gussin. **You can't say you can't play**. Harvard University Press. United States of America. Cambridge Massachusetts, and London, England. 1992.

PALEY, Vivian Gussin. **The boy who would be a helicopter**: the uses of storytelling in the classroom. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1991.

PALEY, Vivian Gussin. **On listening to what the children say**. Harvard Educational Review, vol.56, nº2, 1986.

RUD, Anthony G.. Use & Abuse of Socrates in Teaching. **Education Policy Analysis Archives**, [s.l.], v. 5, p.20-30, 24 nov. 1997. Education Policy Analysis Archives. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v5n20.1997>. Acesso em: 08 mar. de 2018.

SEELYE, Katharine Q.: Vivian Paley, Educator Who Promoted Storytelling, Dies at 90. **The New York Times**, 1º de Agosto, 2019.

SOUZA, Roberta Consiglio de. **Brincando com Histórias: um estudo sobre Vivian Gussin Paley e seu "menino helicóptero"**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

NOTAS

A BRINCADEIRA NARRATIVA COMO EIXO DO TRABALHO DOCENTE: INSPIRAÇÕES A PARTIR DE VIVIAN PALEY


Gilka Elvira Ponzi Girardello

Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, Brasil
gilkagirardello@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5316-0038> 

Roberta Consiglio de Souza

Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
roberta.consiglio@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2822-8328> 

Endereço de correspondência do principal autor

Caixa Postal 10.192, Correio da Lagoa, Florianópolis, SC, Brasil, CEP 88062-020.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Bolsa na modalidade de GM - Mestrado CNPq/PPGE/UFSC: Roberta Consiglio de Souza. Processo nº 136531/2017-2, vigência 01/08/2017 a 31/07/2018.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES



Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 05-09-2019 – Aprovado em: 08-01-2020